

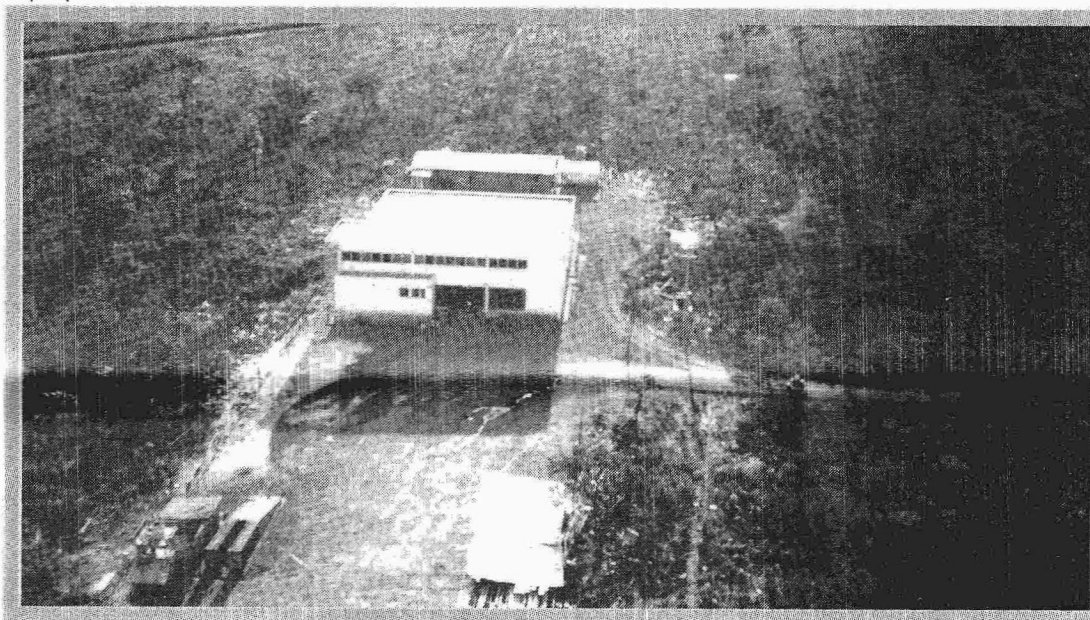
PIONEIROS



Ari Cunha

Jornalista desde os primeiros dias na nova capital

Arquivo pessoal



EM UMA CLAREIRA DO CERRADO, ONDE SERIA O SETOR DE INDÚSTRIAS GRÁFICAS, NASCEU O CORREIO BRAZILIENSE

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A pedra fundamental do jornal **Correio Braziliense** teve que ser lançada onde hoje está o Tribunal de Justiça do Distrito Federal. O lote designado para a sede do jornal era inóspito demais para que o presidente Juscelino Kubitschek desembarcasse de helicóptero com tanta poeira. O Setor de Indústrias Gráficas ainda era projeto. O prédio da Imprensa Nacional estava em construção. “Tive uma impressão estranha da cidade quando cheguei, em 1959”, afirma o jornalista Ari Cunha, 77 anos. “Havia setas para todos os lados indicando os acampamentos de obras e ninguém conseguia se orientar. Ademais, não existia prefeitura.

Antes de vir para a nova capital, Ari Cunha trabalhava há quase dez anos no jornal *Última Hora*, em São Paulo. Natural de Fortaleza (CE), a primeira cidade que conheceu no Sudeste foi o Rio de Janeiro, onde chegou de navio, em 1948. São Paulo, entretanto, oferecia melhores oportunidades profissionais, reduzindo sua permanência na Cidade Maravilhosa para pouco mais de dois anos.

Quando Ari Cunha deixou a *Última Hora*, na capital paulista, ligou para Paulo Cabral, que era diretor dos Diários Associados no Rio. A conversa foi rápida: “Estou desempregado”, e Paulo Cabral o apresentou a Edilson Varela, que o mandou chefiar a reforma do jornal *Folha de Goiás*.

O trabalho foi feito entre julho e setembro de 1959. Com o sucesso da empreitada, o pioneiro foi convidado a acompanhar a construção de outro jornal, o primeiro que seria inaugurado no Distrito Federal — o **Correio Braziliense**. A pedido de Varela, o jornalista supervisionaria a parte técnica e editorial da empresa.

Hotel Buriti

Ari Cunha já era casado com dona Lourdes, e nessa época tinha três filhos, mas mudou-se para Brasília sozinho. A primeira visita ao futuro Distrito Federal foi feita em companhia de Braga Sobrinho, diretor da *Folha de Goiás*. Os dois tinham a missão de encontrar uma placa ou outra indicação sobre o lote 300, dos Diários Associados, local de construção do **Correio Braziliense**.

Iniciadas as obras do jornal, Ari Cunha acomodou-se durante algum tempo no Hotel Buriti, na Cidade Livre (Núcleo Bandeiran-

te). O restaurante era dirigido por Tereza e Mário Canevari, onde os coquetéis da época eram servidos pelo próprio Mário envergando smoking que trouxera de sua Milão. “Era difícil acreditar que naquele cenário de máquinas, poeira e homens trabalhando escondia-se um lugar onde o proprietário atendia de smoking.” Outro aspecto interessante da Cidade Livre era a segurança, a mesma vivida nas ruas de Brasília, pelo menos nos dez anos seguintes à inauguração. “Corria muito dinheiro nas ruas, muitos negócios eram fechados aqui, pois as principais empresas do país enviaram representantes para Brasília”, conta. “Mesmo assim, as agências bancárias não tinham qualquer reforço na segurança dos cofres”, diz.

Segundo Ari Cunha, é mito que furtos não aconteciam na nova capital. O fato é que a Guarda Especial de Brasília (GEB), formada por policiais militares e soldados

do Exército trazidos de outros estados, intimidava os possíveis infratores, reduzindo o número de ocorrências. Ari Cunha relembra a figura dos pioneiros, como Wayne Faria, da Irfasa, que trabalhava como um mouro. Ele próprio acompanhava todos os trabalhos do acampamento. Marco Paulo Rabello, da empresa que leva seu nome, Francisco Aguiar Carneiro, da Eldorado, Enery, Kleber Farias Pinto, Tião Padeiro e muitos outros que a rapidez da entrevista não o fez lembrar.

A maior preocupação da comunidade não era com os ladrões, mas com o grande número de incêndios. Um dia, conta, houve incêndio no Colégio D. Bosco e começou a destruir toda a quadra. No meio dela estava a casa de Hugo Buresti, que não pensou duas vezes. Quando o trator da Rabello chegou para fazer o azeite, sua decisão foi imediata. Retirou todo o material elétrico que vendia, coisas de casa, e

foi para a rua ver a destruição do seu negócio, para salvar o posto de gasolina ali perto, que, explodindo, iria atingir a madeireira do Slaviero. “Gesto belo, do casal Hugo Buresti.”

Acampamentos

A estadia no hotel durou poucos dias. O número de trabalhadores das obras do **Correio Braziliense** e da TV Brasília, quase 400 candangos, obrigou os Diários Associados a construir dois acampamentos para abrigá-los. Durante a construção, Ari era encarregado de comprar os materiais necessários para a obra. O principal financiador da construção era o Banco da Lavoura. Para acompanhar tudo de perto, o jornalista mudou-se para o Brasília Palace Hotel com os colegas Aluísio Chaves e Ibanor Tartaroti, em janeiro de 1960. Em cem dias, os dois prédios estavam em uso.

O ritmo de trabalho no acampamento do **Correio** era o mesmo de Brasília, 24 horas sem parar. Se algum imprevisto acontecesse de madrugada, era preciso resolver na hora e todos estavam acostumados com isso. Ari lembra de uma oportunidade em que foi avisado em cima da hora de que chegariam 50 novos candangos e era preciso alojá-los. De madrugada, então, dirigiu-se a uma fábrica de colchões na Cidade Livre para comprar toda a mercadoria disponível, 20 unidades. “Levei o que tinha e encomendei o resto para a manhã seguinte, e as irmãs comerciantes

PIONEIROS

Quando saiu do Ceará, em 1948, o pioneiro não imaginava que iria participar da construção de uma cidade e de um jornal, como aconteceu com a vinda para Brasília

EM SEU ANIVERSÁRIO
DE 2003,
CELEBRAÇÃO
ENTRE AMIGOS E
FAMILIARES

Carlos Moura 26.07.03



se dispuseram a me entregar sem reclamar o atendimento em plena madrugada.”

Situação parecida aconteceu durante a fase de acabamento do Palácio da Alvorada. O vaso sanitário do banheiro do presidente havia sido quebrado e peça similar só era encontrada em São Paulo. Foi preciso então que a mercadoria fosse trazida de avião. “George Homer, que era encarregado do serviço, comprou dois bilhetes aéreos, um para ele e outro para o vaso, que veio no assento ao seu lado”, diverte-se.

Da mesma forma também foi feita a instalação de água do Palácio, no improviso. Havia uma fonte próxima à Ermida Dom Bosco, no final do Lago Sul, e o Lago Paranoá ainda não existia. A diferença do nível entre a Ermida e o Palácio possibilitou a chegada da água à residência oficial do presidente. “A instalação ainda está lá, no fundo do Lago Paranoá”, garante o jornalista. “Mas quando Jânio Quadros assumiu, a entrada da água no Palácio foi interrompida porque o presidente tinha medo de que alguém o envenenasse ao descobrir a nascente”.

Gatos

Os fatos reais sobre a construção de Brasília dificilmente chegavam aos outros estados. A briga entre dois partidos políticos no país era responsável por isso. O PSD, de JK, era a favor da construção, enquanto a UDN opunha-se fortemente à mudança da capital federal. “Dizia-se que o dinheiro estava sendo desviado para uma construção que não existia”, afirma. “Quando a inauguração de Brasília foi anunciada, a surpresa foi geral no país, trazendo um grande número de imigrantes para cá”, completa.

Vários caminhões de carga transformavam-se em paus-de-arara no caminho para Brasília a fim de aproveitar o êxodo que acontecia para cá. Na mesma época, as empreiteiras precisavam de mão-de-obra numerosa. Surgiu então a figura do “gato”, homem designado para contratar os imigrantes antes mesmo do desembarque na cidade.

O número de caminhões aumentou tanto que foi necessário impedir a entrada em Brasília. Israel Pinheiro, presidente da Novacap, mandou interditar as vias de acesso à cidade no sentido Belo Horizonte e São Paulo, mas os caminhões davam a volta e entravam pelo acesso de Goiânia. Esta história deu origem às primeiras vilas que formaram Taguatinga — Vila Matias e Vila Dimas.

Mesmo depois da inauguração da cidade, em 1960, Ari Cunha diz que a resistência à mudança da capital persistiu por vários anos. “Lembro-me, por exemplo, que quando Jânio Quadros assumiu a Presidência recebeu uma oferta de Roberto Marinho para levar a capital de volta para o Rio de Janeiro”, revela. “Marinho daria total cobertura a seu governo se ele aceitasse”, conclui.

Em outra oportunidade, José Bonifácio, secretário da Câmara,

membro da UDN, chegou a ordenar que todos os automóveis e caminhões da cidade ficassem de prontidão porque o Congresso poderia voltar a reunir-se na capital carioca.

Primeiras edições e coluna

A primeira edição do *Correio* circulou no dia da inauguração da nova capital, em 21 de abril de 1960. Saía com 25 mil exemplares, todos vendidos aos visitantes, mas depois a tiragem se manteve em 500 exemplares, até que no final de 1960 cresceu para 5 mil, estando hoje por volta de 50 mil.

No dia 16 de maio começava a ser publicada a coluna *Visto, Lido e Ouvido*, uma espécie de ouvido-ria da cidade relatando fatos corriqueiros da comunidade. E até hoje a coluna é publicada, “com algumas interrupções naturais da inveja humana, mas tudo passa”. “Passando dos 70 anos, escolhi a filha caçula Circe, jornalista, para pesquisar informações. Hoje, ela colhe a maior parte das notícias e participa do texto todos os dias. Emite opinião e não recebe a menor censura de minha parte. Além do alívio do trabalho, posso registrar a satisfação da perpetuação da profissão dentro de casa”, diz o jornalista.

As páginas do jornal básica-

mente informavam sobre as reuniões do Congresso. As matérias eram quase atas das reuniões. Fora isso, notícias das dificuldades da construção e anúncios do comércio da Cidade Livre preenchiam as páginas do jornal. “Às vezes, nos pagavam pela inserção do anúncio por dois dias e nós o mantínhamos por mais tempo para completar as páginas”, conta Ari.

A família do pioneiro mudou-se para cá em setembro de 1960. Nesta época, o jornalista vivia em uma casa na 708 Sul, mas aguardava o recebimento de um apartamento na 108 Sul. “Fizemos uma campanha pedindo moradia e conseguimos que os 23 jornalistas que aqui estavam recebessem seus apartamentos”, lembra. Sua vida é desfrutada entre os amigos, longe dos grandes jantares e recepções, sem estar ausente da sociedade, na convivência com Liana Sabo, com quem divide as alegrias da vida e da família.

A vida profissional de Ari Cunha foi marcada no pioneirismo da imprensa. Desta forma, o *Correio Braziliense* foi o primeiro jornal do país a circular impresso em off-set, composto a frio, usando computador, nascendo daí a transformação de toda a imprensa brasileira.

“CORRIA MUITO DINHEIRO NAS RUAS, MUITOS NEGÓCIOS ERAM FECHADOS AQUI, POIS AS PRINCIPAIS EMPRESAS DO PAÍS ENVIARAM REPRESENTANTES PARA BRASÍLIA”

Raio X

Nome:

Ari Cunha

Idade:

77 anos

Origem:

Fortaleza, Ceará

Profissão:

Jornalista

Ano de Chegada a

Brasília:

1959

Esposa:

Lurdes Cunha (falecida), com quem teve quatro filhos e 12 netos.

Liana Sabo

Filhos:

Ari, Eliana, Raimundo Neto e Circe

Netos:

Marcelo, Ana Cristina, Pedro, Ana Paula, Iara, Alexandre, Guilherme, Mariana, Gabriel, Fabiano, João e Christian.